

HOWARD S. BECKER

FALANDO DA SOCIEDADE

**ENSAIOS SOBRE AS DIFERENTES MANEIRAS
DE REPRESENTAR O SOCIAL**

Tradução:

Maria Luiza X. de A. Borges

Consultoria técnica:

Karina Kuschnir

IFCS/UFRJ

Prefácio

Este nunca foi um projeto de pesquisa convencional. As ideias nasceram de minhas leituras habituais, aleatórias e casuais, de anos de ensino e do simples fato de viver como uma pessoa de interesses bastante ecléticos.

Sempre fui um frequentador de teatros e cinemas, e um incansável leitor de ficção. Sempre pensei que estava aprendendo coisas interessantes sobre a sociedade quando fazia isso, aplicando uma regra que formulei cedo em minha vida: “Se é divertido, deve valer a pena.” Assim, já estava de posse de um bom estoque de exemplos sobre os quais pensar. Tinha visto a peça de Shaw, *A profissão da sra. Warren*, e gostado de sua dissecação do “problema social” da prostituição, por isso tinha ela na cabeça quando comecei a procurar exemplos. Havia lido Dickens e Jane Austen, e os considerava casos de como os romancistas apresentam uma análise social.

Em 1970, como parte de minha preparação para trabalhar na sociologia das artes, aprendi a fotografar, tomando aulas no San Francisco Art Institute e envolvendo-me no mundo fotográfico ali e em Chicago. Fotógrafos documentais compartilharam comigo sua preocupação sobre a maneira de apresentar as análises sociais que queriam fazer, assim como os alunos que logo vim a ter, e comecei a ver como seus problemas se pareciam com os enfrentados pelos cientistas sociais (inclusive eu) para expressar aquilo que tinham a dizer.

Nunca fui bom na leitura da bibliografia oficial de disciplinas e campos formalmente traçados, e jamais pensei que as ciências sociais tinham o monopólio do conhecimento sobre o que se passa na sociedade. Encontrei tantas boas ideias na ficção, no teatro, cinema e fotografia como no que “se esperava” que eu lesse. E as ideias que me acorriam quando via projetos fotográficos documentais ou filmes também migraram para meu pensamento sobre ciências sociais convencionais.

Fiz algumas leituras sérias da literatura polêmica que todo campo gera sobre problemas de método. Essa literatura contém grande parte do que poderíamos coligir se entrevistássemos os participantes desses debates. As questões que eles levantam são aquelas enfrentadas pelos profissionais nesses campos, e

as amplas discussões publicadas foram imensamente úteis. Claro que, quando tive a chance de conversar com pessoas sobre problemas de representação em sua linha específica de trabalho, tratei de aproveitá-la, mas não fiz entrevistas nem reuni dados de maneira sistemática.

O trabalho como professor afetou o desenrolar de meu pensamento em dois casos muito específicos. Quando eu lecionava sociologia na Universidade Northwestern, tive a sorte de conhecer o falecido Dwight Conquergood, que lecionava no Departamento de Estudos da Performance na Escola de Comunicação e Artes.* Dwight estudava o que chamava de “aspecto performativo da sociedade”, a maneira como a vida social pode ser vista como uma série de performances. No que é ainda mais relevante, apresentava muitas vezes os resultados de suas pesquisas — acerca de refugiados asiáticos, membros de gangues de Chicago — sob a forma de performances. Isso era algo que eu tentara fazer, sem qualquer preparo efetivo e sem grande sucesso, com meus colegas Michael McCall e Lori Morris em cerca de duas performances sociológicas¹ que descreviam nossas pesquisas, realizadas em colaboração, sobre comunidades teatrais em três cidades. Assim, quando Dwight e eu nos conhecemos, a ideia de darmos juntos um curso chamado “Ciências sociais performáticas” (Performing Social Science) não demorou a surgir. Os alunos provinham do departamento dele e do Departamento de Teatro da Escola de Comunicação e Arte, que era maior; os meus provinham em maior parte da sociologia. Eles incluíam estudantes de pós-graduação e de graduação. Demos o curso em 1990 e 1991, e nas duas vezes a principal atividade consistiu em performances dos alunos (e, na segunda vez, dos professores também) de algo que pudesse ser considerado ciências sociais. Nossa definição era abrangente, de modo que as peças encenadas vinham de uma variedade de campos — história, sociologia, literatura, teatro — e da criatividade dos próprios alunos. Vou me referir ocasionalmente a esses eventos, que muitas vezes corporificavam as questões organizacionais, científicas e estéticas em que eu estava interessado.

Um seminário chamado “Falando sobre a sociedade”, que ministrei duas vezes, uma na Universidade da Califórnia em Santa Barbara e outra, um ano depois, na Universidade de Washington, também me deu muito em que pensar. Os participantes dessa pequena aventura vinham de vários departamentos e consistiam quase inteiramente em estudantes de pós-graduação. Isso significava que eram, inevitavelmente, menos ousados que os estudantes de graduação

* *School of Speech*: segundo esclarecimentos do autor, trata-se de uma universidade que reúne uma combinação eclética de disciplinas, como teatro, cinema, oratória, declamação etc. (N.T.)

com que Conquergood e eu tínhamos trabalhado na Northwestern, tendo mais a perder e coisas mais prementes a exigir seu tempo e atenção. Por outro lado, eram mais reflexivos sobre as ramificações do tema, mais dispostos a ser críticos e propensos a discussões, e por isso tendiam mais a me provocar para reabrir questões que eu considerava resolvidas.

Os seminários eram dedicados a um meio diferente a cada semana: cinema, teatro, tabelas estatística e assim por diante. Eu indicava leituras ou, com igual frequência, apresentava à turma algo a que devia reagir, alguma provocação às suas ideias estereotipadas sobre o que constituía uma forma apropriada de descrever a sociedade. Comecei o primeiro encontro da turma, no primeiro curso que dei, descrevendo *Mad Forest* (1996), peça de Caryl Churchill sobre o casamento entre os filhos de duas famílias romenas de classes sociais substancialmente diferentes. O segundo ato da peça ilustrava exatamente aquilo de que trataríamos nas aulas, pois é uma representação artística do processo que os cientistas sociais chamaram por vezes de “comportamento coletivo elementar” ou “formação de multidão”. O Capítulo 12 conta como fiz os alunos lerem o ato em voz alta e depois insisti com eles em que haviam não apenas experimentado uma emoção, mas também lido a melhor análise que eu conhecia sobre formação de multidão. Muitos deles concordaram, e eu lhes disse que aquilo estabelecia o problema do curso. Que maneiras, além das conhecidas pelos cientistas sociais, podiam transmitir tal informação? Acho que muitos dos alunos não teriam aceitado a questão com tanta boa vontade se não tivessem tido a experiência teatral que haviam acabado de proporcionar a si mesmos.

Nas semanas seguintes assistimos ao vídeo de Anna Deavere Smith, *Fire in Crown Heights* (2001), em que ela enuncia as coisas que muitas pessoas de inúmeros grupos sociais lhe haviam dito depois daquele episódio de violência no Brooklyn. Vimos *Titicut Follies* (1967), de Frederick Wiseman, documentário sobre um manicômio judiciário de Massachusetts. Examinamos e discutimos uma coleção que eu havia feito de tabelas e diagramas, e dei um minicurso sobre modelos matemáticos, para o qual estava mal preparado. Planejei os seminários com abundância de exemplos concretos a serem discutidos, na esperança de evitar o que pensei ser uma conversa fiada “teórica” estéril. Meu plano funcionou muito bem, e as discussões foram boas o suficiente para que em geral eu passasse o dia seguinte datilografando anotações sobre elas e os pensamentos que haviam suscitado.

Na ementa do curso, eu havia declarado aos estudantes:

A estratégia básica do curso é comparativa. O que há para ser comparado é uma ampla variedade de gêneros de representação: de filmes, romances e peças, por um lado, a tabelas, diagramas, gráficos e modelos matemáticos, por outro, e tudo em que possamos pensar entre uma coisa e outra. Eles serão comparados no tocante ao modo como resolvem os problemas genéricos da representação da vida social. E essa lista de problemas será em parte gerada vendo-se que tipos de problemas são preeminentes em cada gênero. (Isso fará mais sentido quando o fizermos; percebo que talvez pareça um pouco enigmático neste momento.)

Vocês podem pensar no assunto com que trabalharemos como uma grade. Num eixo, tipos de meios ou gêneros, como na lista acima. Ao longo do outro eixo, problemas que surgem quando fazemos representações: a influência de orçamentos, as obrigações éticas de quem faz a representação, maneiras de generalizar que conhecemos, graus de multivocalidade etc. Em princípio, poderíamos investigar cada problema em cada gênero, preencher cada casa gerada por essa classificação cruzada, mas isso não é prático. Assim, nossa “cobertura” será bastante casual, influenciada sobretudo pelos materiais facilmente disponíveis para nós, a serem discutidos, e por meus próprios interesses particulares. Mas a lista das coisas sobre as quais poderíamos falar pode ser ampliada para abarcar outros gêneros e problemas, se a vontade das pessoas assim determinar.

E essa atitude criou o problema organizacional deste livro.

Robert Merton gostava de encontrar proposições que exemplificavam aquilo que afirmavam, o que fazia com mais sucesso em suas ideias sobre profecias autorrealizadoras. Reunir este material me pôs exatamente nessa posição. Como poderia eu representar minha análise da representação?

Eu tinha dois tipos de material com que trabalhar: ideias sobre comunidades organizadas em torno da feitura e do uso de tipos particulares de representação, como filmes, romances ou tabelas estatísticas; e amplas discussões sobre descrições da sociedade exemplificando o que havia sido feito em alguns desses campos. Grande parte de meu pensamento fora estimulada pela reflexão sobre trabalhos bem-sucedidos de representação, em particular além dos limites disciplinares das ciências sociais, e queria que meus resultados corporificassem e enfatizassem isso.

Fazer tabulações cruzadas de tipos de meios (filmes, peças, tabelas, modelos e todo o resto) segundo tipos de problemas analíticos (qual é a divisão de trabalho entre produtores e usuários de representações, por exemplo) geraria um número muito grande de combinações sobre as quais escrever. Essa espécie de estrutura classificatória está subjacente ao que fiz, mas eu não queria me sentir obrigado

a preencher todas essas casas descritivas e analíticas. Não pensava tampouco que uma abordagem enciclopédica seria útil para meu objetivo, que comecei a ver como o de abrir meus próprios olhos e os dos outros nos campos em que eu estava interessado (que nessa altura iam além das ciências sociais) para uma esfera mais ampla de possibilidades representacionais.

Adotei uma abordagem diversa, fortemente influenciada por minha experiência e experimentos com hipertexto, em que muitos fragmentos de textos podem ser lidos numa variedade de ordens, por vezes em qualquer ordem escolhida pelo usuário. As partes são dependentes umas das outras, mas não a ponto de tornar obrigatória uma dada ordem. Nesse espírito, o livro tem duas partes: “Ideias” consiste em ensaios curtos sobre temas gerais que se tornam mais claros quando vistos como aspectos de mundos representacionais. “Exemplos” contém várias apresentações e análises de obras específicas ou corpos de obra, ou tipos de representação que assumiram novo significado para mim quando os vi à luz das ideias gerais. Os textos nas duas seções referem-se uns aos outros, e pretendo que o todo se aproxime mais de uma rede de pensamentos e exemplos que de uma argumentação linear. Essa abordagem talvez se adapte melhor ao computador, que torna tão fácil para o leitor passar de tópico a tópico, mas aqui você a tem num livro impresso. Peço desculpas por isso.

Portanto você pode — e deve — ler o material nessas duas seções em qualquer ordem que lhe convenha, dentro de cada seção e entre elas. As partes destinam-se tanto a serem independentes quanto a se iluminarem umas às outras. O significado completo resulta do modo como você une as partes segundo seus próprios objetivos, sejam eles quais forem. Se isso funcionar, e espero que funcione, tanto cientistas sociais quanto artistas com interesses documentais encontrarão aqui algo que lhes pode ser útil.